

ALGUMAS CONSEQUÊNCIAS PSICOSSOCIAIS DA AUSÊNCIA DOS PAIS NA VIDA DOS(AS) FILHOS(AS): RELATO DE EXPERIÊNCIA JUNTO AO NASA

SOME PSYCHOSOCIAL CONSEQUENCES OF THE PARENTS 'ABSENCE IN THE CHILDREN'S LIFE: EXPERIENCE REPORT TO THE NASA

¹Yamamoto, M. T. M. ¹OLIVEIRA, J. G. S. ¹PEREZ, D.K. ¹ANDRÉO, C.

¹ Departamento de Psicologia– Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos- UNIFIO

RESUMO

O presente artigo busca olhar para a relação entre a ausência dos pais e algumas consequências psicossociais para a vida dos filhos, a partir da experiência de estágio em Psicologia com grupo de adolescentes e pais junto ao Núcleo de Atendimento à Saúde do Adolescente (NASA). Partindo-se da hipótese de que muitos comportamentos dos adolescentes eram gerados, dentre outros fatores, pela ausência dos pais na rotina destes, pretendeu-se olhar para o que gerou essa ausência e apontar novas maneiras de diminuir essa distância afetiva, propondo algumas mudanças na rotina e diferentes atividades, de modo a possibilitar maior aproximação dos pais em relação aos filhos.

Palavras-chave: Ausência dos Pais. Núcleo de Atendimento à Saúde do Adolescente. Grupo com Adolescentes

ABSTRACT

This article seeks to look at the relationship between the absence of parents and some psychosocial consequences for the lives of their children, based on their experience in Psychology with a group of adolescents and parents at the Adolescent Health Care Center (NASA). Starting from the hypothesis that many behaviors of adolescents were generated, among other factors, by the absence of parents in their routine, it was intended to look at what generated this absence and point out new ways to reduce this affective distance, proposing some changes in routine and different activities that could bring parents closer to their children.

Keywords: Absence of Parents. Nucleus of Adolescent Health Care. Group with Teenagers

INTRODUÇÃO

Família é o centro da sociedade, é nela que o sujeito está inserido da forma mais profunda, presente nela, pelo nascimento ou laços afetivos, e é por ela que constitui parte de sua personalidade e caráter. Além disso, a família se apresenta como elemento básico e essencial para a formação do sujeito, enquanto instituição que está anterior ao Estado e ao Direito (ALVES, 2014).

No contemporâneo, a família está passando por momentos de transformações, tanto no que diz respeito a sua composição, e as relações entre os seus membros, tanto quanto as normas sociais (OLIVEIRA, 2009).

Isso pode ser observado através da mudança que ocorreu segundo o Instituto Brasileiro de direito de Família em 2016 que fez uma divulgação com novo significado de Família, que segundo o Dicionário Houaiss é "Núcleo social de pessoas unidas por laços afetivos, que geralmente compartilham o mesmo espaço e

mantêm entre si uma relação solidária" (BRASIL, 2016). E antes disso a visão geral que se tinha que família é a união de um homem com uma mulher e seus filhos (FIALHO, 2004).

O avanço industrial e conseqüentemente a força do capitalismo teve grande influência nas relações sociais, como por exemplo o trabalho da mulher, que neste momento sai de casa para trabalhar fora. Este período é marcado pelo ritmo acelerado do capitalismo, onde o individualismo, competição estão muito fortes, e começam a reproduzir tudo isso no interior das famílias, dessa forma tem-se o predomínio do interesse individual sobre o coletivo, corrompendo o entendimento de que a família deveria ser local em que o coletivo predominasse sobre o individual (OLIVEIRA, 2009).

Peixoto; Luz (2007) *apud* Dias et al. (2010) abordam sobre a nova geração de pais que por algumas dificuldades podendo ser elas, gravidez na adolescência, divórcios e separações, necessidade de profissionalização, desemprego, estão deixando seus filhos para outros responsáveis ou outras figuras/referências de cuidado, especialmente avós cuidarem, porém essa nova formação familiar tem trazido conflitos entre as três gerações, ou pela grande diferença de idade, ou entre os adultos, por não concordarem com a forma de educar, surge dessa forma um grande obstáculo para a boa comunicação e interação entre todos.

A ausência dos pais, podendo ser ela por vários motivos, como a morte de um dos genitores, separações, doenças entre outras traz grandes conseqüências para esses filhos, principalmente no momento da adolescência, e este trabalho tem como objetivo olhar para essas relações, e o que a falta dos responsáveis traz para a vida desses jovens, que muitas vezes sentem-se sozinhos, e entram em estado depressivo, chegando em alguns casos a se mutilarem. Para realizar este estudo será feito um levantamento bibliográfico, e assim trazer dados relevantes para a ciência da psicologia.

METODOLOGIA

A realização desta pesquisa se constituiu por meio da experiência das estagiárias do curso de psicologia junto ao Núcleo de Atendimento a Saúde do Adolescente (NASA) e de estudos bibliográficos elaborados por meio de livros, periódicos e artigos científicos, que contribuíram com suas concepções acerca da família, adolescência e da ausência dos pais na vida dos filho.

DESENVOLVIMENTO

A ADOLESCÊNCIA E A DOR QUE LEVA A AUTOMUTILAÇÃO

A partir da experiência na instituição Núcleo de Atendimento à Saúde do Adolescente (NASA), iniciando um contato mais próximo com esta faixa etária e também ao realizar mais estudos sobre eles, as estagiárias puderam observar alguns casos de adolescentes que estão se auto mutilando, informação esta trazida pelos responsáveis durante grupo realizado com eles, além dos relatos dos próprios adolescentes durante sessão em grupo com a psicóloga e esta demanda que a instituição possui está intimamente ligada às relações familiares, sendo que a família é o eixo central para a sociabilidade do sujeito.

Algumas características que perpassam a adolescência juntamente com as mudanças físicas, mudanças hormonais, também estão presentes na existência e no emocional, que são percebidas como uma essência, sendo elas desinteresse, crise, instabilidade afetiva, descontentamento, impulsividade, entusiasmo, timidez, introspecção, e essas características passam a ser sinônimo de adolescente, e que constitui o que pelos autores é chamado de “identidade adolescente” (COIMBRA, BOCCO, NASCIMENTO, 2005) , e com isso muitas vezes os pais, ou responsáveis deixam de olhar para seus filhos os classificando dentro dessa identidade.

Segundo Contini, Koller (2002) esta fase é marcada não apenas pelas mudanças biológicas, mas também são influenciadas pelos aspectos ambientais e sociais. E a família, que é a rede de proteção do sujeito, deve acolher o outro, e com ele suas novas experiências, aceitando os conflitos que estes adolescentes passam neste momento da vida, conflitos estes que envolve os vínculos de pertinência, e também das relações de apego que são estabelecidas dentro do espaço doméstico, além da tentativa que estão vivendo da construção da sua própria autonomia.

Mesquita et. al. (2011), fala sobre estudos com adolescentes que se encontram deprimidos, e que este grupo são os mais vulneráveis em obter o comportamento de automutilação e suicídio. O mesmo autor cita Gratz,2006, que caracteriza a automutilação sendo um conjunto de ferimentos punitivos, sem ter a intenção suicida de forma consciente tendo como resultado o dano pele do próprio corpo.

Existem, segundo o mesmo autor, que menciona Barbedo & Matos (2009), além de cortar ou rasgar o tecido do corpo, a automutilação engloba também se chutar, causar queimaduras e arranhar, as áreas escolhidas para tais feitos são regiões que são facilmente escondidas, como coxas, braços e zona abdominal que dessa forma o comportamento passa despercebido.

Quando se fala em depressão, principalmente em adolescentes, deve-se ter alguns cuidados, pois algumas doenças médicas podem vir a causar sintomas iguais ao dele, como por exemplo, mononucleose infecciosa, hipotireoidismo, doenças autoimunes, neoplasias e anemia, além de alguns medicamentos como corticoides, contraceptivos, estimulantes que podem desencadear os mesmos sintomas da depressão (BRITO, 2011).

A mesma autora ainda cita sobre a importância terapêutica, sendo que considera que uma das primeiras atitudes a se ter perante ao adolescente e a família, e a partilha de conhecimentos sobre as causas e sintomas da depressão, falar sobre os danos que pode vir a causar, e saber quais expectativas esperadas sobre o tratamento. A organização do tratamento deve ser discutido e acordado entre todos, e ser plurimodal, ou seja, incluir psicoterapia, medicação e envolvimento da família. A resolução dos sintomas depressivos e conseqüentemente a melhoria intra e interpessoal, familiar, social e escolar é o objetivo do tratamento. A medicalização está presente, e é importante para o tratamento, porém a psicoterapia é considerada a mais importante neste processo.

A marcação no corpo, seja ela, por tatuagens, piercing, ou mesmo a automutilação, e algo que vem de várias culturas, sendo elas primitivas, modernas e contemporâneas, estes adornos tem como objetivo comunicação, podendo ela ser por um status, fé, identidade, e também marca transições, como por exemplo, a passagem da infância para a adolescência, mostrando que a automutilação não é algo novo na história da humanidade (ARAUJO, et.al, 2016).

Um estudo realizado com 408 adolescentes com objetivo de apresentar o envolvimento de adolescentes em comportamentos autodestrutivos, considerando a influência do funcionamento familiar, e a sintomatologia depressiva, previa que o comportamento autodestrutivos estivesse ligado às relações familiares, e pode ser percebido que a relação com a mãe e com o pai traz grande diferença aos participantes nesta vontade de morrer, nas tentativas de suicídio e automutilação, dessa forma a hipótese de que a relação ambiente familiar e humor depressivo

possuem uma grande relação foi confirmada, apesar de que não são todas as dimensões do funcionamento familiar que atuam da mesma forma sobre a sintomatologia depressiva (MESQUITA et.al., 2011).

VÍNCULOS FAMILIARES, SUA IMPORTÂNCIA

A família constitui o principal ambiente em que crianças e o adolescentes se desenvolvem, tendo assim papel principal no desenvolvimento destes. Entretanto, por força do capitalismo, esses pais têm passado cada vez mais tempo fora de casa trabalhando, outros também estudando e se qualificando para poderem dar melhores condições econômicas a família.

Ainda se tem os casais separados, os pais que apenas pagam, ou nem chegam a pagar, um valor de pensão, e mães que se veem obrigadas a aumentar a jornada de trabalho para conseguirem sustentar o(s) filho(s), pois vivemos em uma sociedade em que a maioria dos pais se sentem no direito de abandonar os cuidados com os filhos, deixando sob a responsabilidade da mãe. E também se tem os pais que trabalham, e cuidam dos filhos, sem o auxílio da mãe.

A partir das observações, do contato com os adolescentes e estudos sobre o período da adolescência, as estagiárias perceberam que a família se apresenta como eixo central da sociabilidade desses indivíduos. E que a adolescência é uma etapa complexa tanto para os adolescentes como para os pais.

As estagiárias iniciaram então um grupo com os pais dos adolescentes com o objetivo de auxiliá-los a compreender e lidar com conflitos típicos da adolescência, buscando esclarecer as questões encontradas em relação a esta fase. O grupo aconteceu durante todas as sextas feiras, no período das quinze às dezessete horas, no decorrer dos grupos diversos pais compareceram, visto que o grupo era aberto.

Durante os grupos das estagiárias com os pais, muitas mães trouxeram a angústia e a culpa por terem que trabalhar e não poderem estar presentes na vida do(a) filho(a), e as mães separadas, a decepção pela ausência dos pais na vida os filhos. Que reconhecem que essa ausência influencia diretamente o comportamento dos adolescentes.

Em sua pesquisa sobre a influência entre atividades profissionais e a vida familiar, Rocha (2011, p.379) traz que “o cansaço físico e mental relacionado ao

trabalho influência de forma a causar desânimo e irritabilidade nas tarefas familiares”. Segundo Cechia e Andrade (2002, p.1) “os filhos vivem reflexos negativos e positivos do contexto familiar, internaliza-os conforme o modelo recebido”. Assim percebemos que a relação familiar afeta diretamente o desenvolvimento e o comportamento dos filhos.

Na pesquisa de Chechia e Andrade (2002) sobre a representação dos pais sobre a escola e o desempenho escolar dos filhos, os autores trazem que os pais de aluno com sucesso escolar acompanham a vida escolar dos filhos, reconhecem a importância de acompanharem o processo avaliativo. Assim vemos a importância da presença do pai inclusive na vida escolar dos filhos.

No grupo com pais muitas mães se queixaram da ausência paterna na vida do filho, principalmente nos casos de pais separados. Em uma pesquisa sobre ausência paterna e suas repercussões para o adolescente, Sganzerla e Centenaro (2010, p.300) trazem que “a situação familiar de ausência paterna pode se tornar um fator de risco (e repercutir negativamente) em diversos aspectos do desenvolvimento do adolescente”.

Durante o grupo com pais foi verificado também que as mães que vivem sozinhas com o(a) filho(a) trouxeram muitos conflitos com estes, o que afeta muito a relação familiar. Queixas que não foram apresentadas pelas mães que vivem com os pais dos filhos.

Importante ressaltar que durante o grupo com pais não apareceram casos em que o pai cuida sozinho do filho, entretanto a ausência materna também existe e pode causar muitas consequências negativas no desenvolvimento da criança e do adolescente. Salientando que a ausência materna é significada de maneira diferente da ausência paterna, enquanto a ausência do pai é naturalizada e da mãe é vista como algo absurdo.

Ainda se tem os adolescentes criados pelos avós, que é positivo pois pela idade possuem mais experiência para educarem os netos, entretanto a grande diferença de idade gera conflitos, além do excesso de mimos, já que acabam por fazer o papel de avós (DIAS; DA HORA, AGUIAR, 2010).

No decorrer dos grupos alguns avós compareceram como responsáveis, a maioria trouxe uma dificuldade de comunicação com os netos adolescentes, que passam a maior parte do tempo em aparelhos eletrônicos. Um dos avós relatou que

o neto o convida para jogar video game, entretanto ele não sabe e diz não pretender aprender a usar estes jogos eletrônicos.

Nos grupos com pais também foi observado que muitas coisas que aconteciam na vida dos pais estão se repetindo na vida dos filhos. O que mais apareceu foi a depressão, praticamente todos os pais de adolescentes depressivos tiveram ou ainda possuem, a depressão.

A psicanálise explica essa reincidência pela repetição do psiquismo entre gerações, a repetição acontece por conta da existência de um fantasma transgeracional (PIVA, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de pesquisas bibliográficas e de nossa experiência com grupo com pais de adolescentes, concluímos que a ausência dos pais, que acontece por diversas questões, seja por conta do trabalho ou dos diversos afazeres, pode impactar de diversas maneiras o comportamento do filho, considerando cada adolescente como sujeito único, tendo assim repercussões diferentes em cada caso. Compreendemos que a maioria dos pais passam pouco tempo com os filhos por necessidade, já que precisam trabalhar para sustentá-los, entretanto observamos que o tempo livre que possuem não é muito bem aproveitado com os filhos.

Durante os grupos com os pais, orientamos-os para que repensassem sobre suas rotinas e aproveitassem da melhor forma possível o tempo que tinham com os filhos, que realizassem atividades entre ambos, como passeios, conversas, jogos e etc. E que compreendessem que a ausência destes pode ser causadora de muitos comportamentos dos adolescentes, por isso é preciso paciência e atenção para com eles.

Acolhemos-os para que não se sentissem culpados, pois estão fazendo o melhor que podem, dentro das condições que possuem, pensamos e discutimos sobre os diversos fatores socioculturais que os impedem de estar com os filhos. Abrimos um espaço para que os pais trouxessem suas dificuldades, e junto às estagiarias e aos demais pais construir novas estratégias de cuidado. E quanto aos comportamentos que se repetem, explicamos que é algo que vem de muitas gerações, e que, portanto, a culpa não é deles.

Percebemos uma escassez de pesquisas sobre o tema, principalmente sobre a ausência materna, consideramos que seria muito importante novos trabalhos nesta área, pois cada vez mais os pais estão passando mais tempo longe dos filhos, por conta do trabalho e também por conta da grande quantidade de atividades que os adolescentes estão desempenhando.

Os resultados aqui apresentados, decorrentes de nossa prática de estágio ainda são parciais, visto que o estágio se encontra em andamento.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. H. M. **A evolução nas definições de família, suas novas configurações e o preconceito.** Universidade Federal Rio Grande do Norte. Natal-RN, 2014. Disponível em <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/892/1/JulioHMA_Monografia.pdf>. Acesso em 21 ago. 2019.

ARAUJO, J. F. B. et al . O corpo na dor: automutilação, masoquismo e pulsão. **Estilos clin.**, São Paulo , v. 21, n. 2, p. 497-515, ago. 2016 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282016000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 set. 2019.

BRITO, I. Ansiedade e depressão na adolescência. **Rev. Portuguesa de Clínica Geral**, Lisboa, v. 27, n. 2, p. 208-214, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-71032011000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 ago. 2019.

BRASIL. Instituto Brasileiro de direito de Família, 2016. Disponível em: <<http://www.ibdfam.org.br/noticias/5990/Dicionário+reformula+conceito+de+família>> Acesso em: 14 ago. 2019.

CHECHIA, V. A.; ANDRADE, A. S. Representação dos pais sobre a escola e o desempenho escolar dos filhos. **Seminário de Pesquisa**, p. 207-219, 2002.

COIMBRA, C. C.; BOSCO, F.; NASCIMENTO, M. L. Subvertendo o conceito de adolescência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v.57, n.1, p. 2-11, 2005. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arp/v57n1/v57n1a02.pdf>> Acesso em: 22 ago. 2019.

CONTINI, M.L.J.; KOLLER, S. Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas. Conselho Federal de Psicologia. Rio de Janeiro- RJ, 2002.

DIAS, C.M.S.B.; HORA, F.F.A.; AGUIAR, S.A.G. Jovens criados por avós e por um ou ambos os pais. **Psicologia: teoria e prática**, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, v. 12, n. 2, p. 188-199, 2010. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1938/193817420013.pdf>> Acesso em: 21 ago. 2019.

FIALHO, R.C.B. Enfoques sociais da família Monoparental. **Monografia de Pós**, Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, RJ, 2004. Disponível em: <

<http://www.avm.edu.br/monopdf/3/REGINA%20COELI%20B.%20FIALHO.pdf>>
Acesso em: 21 ago. 2019.

SGANZERLA, M. I.; LEVANDOWSKI, C. D. Ausência paterna e suas repercussões para o adolescente: análise da literatura. **Psicologia em Revista**, v. 16, n. 2, p. 295-309, 2010.

MESQUITA, C.; RIBEIRO, F.; MENDONÇA, L.; MAIA, A. Relações familiares, humor deprimido e comportamentos autodestrutivos em adolescentes. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**, p. 97-109, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/11067/115/1/rpca_n3_artigo_6.pdf> Acesso em: 22 ago. 2019.

PIVA, A. A fragilidade do símbolo e a transmissão transgeracional. **Revista Contemporânea–psicanálise e transdisciplinaridade**, v. 7, p. 74-85, 2008.

ROCHA, Laureize Pereira et al. Influência recíproca entre atividade profissional e vida familiar: percepção de pais/mães. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 24, n. 3, p. 373-380, 2011.

OLIVEIRA, N.H.D. **Contexto da família**. São Paulo: UNESP, 2009. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/965tk/pdf/oliveira-9788579830365-02.pdf>> Acesso em: 21 ago. 2019.